



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PEDAGOGIA



LAURA BEATRIZ ANDRADE SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA A CONSTRUÇÃO DE
NARRATIVAS POSITIVAS ACERCA DA INFÂNCIA PRETA

MARIANA
Outubro 2024

LAURA BEATRIZ ANDRADE SANTOS

**A importância da literatura infantil para a construção de narrativas positivas
acerca da infância preta**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para aprovação na disciplina de
Seminário VII: Conclusão de Curso
Prof. O Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alexandra Resende Campos

MARIANA
Outubro 2024



FOLHA DE APROVAÇÃO

Laura Beatriz Andrade Santos

A importância da literatura infantil para a construção de narrativas positivas acerca da infância preta

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Aprovada em 21 de outubro de 2024

Membros da banca

Dr.ª. Alexandra Resende Campos - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - Universidade Federal de Ouro Preto

Alexandra Resende Campos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 21/10/2024



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Resende Campos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/10/2024, às 17:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0798674** e o código CRC **DE774CD7**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pois sem ele nada em minha vida teria se concretizado, menos ainda teria vivido o sonho dos meus ancestrais. Este artigo foi realizado graças a minha família preta, que mesmo pequena se esforça para fazer a diferença em minha vida, eles estiveram comigo nos momentos mais desafiadores da minha graduação. Assim dedico esse trabalho de conclusão de curso a:

Minha mãe, que me levou aos caminhos da educação e possibilitou ver a magia de ensinar ao outro com humanidade.

Minha irmã, que me deu apoio a todo momento, além de me dar a possibilidade de aprender a cuidar de uma criança mesmo antes de adentrar ao curso de Pedagogia, através do meu sobrinho.

Meu irmão, também estudante cotista da Universidade Federal de Ouro Preto e que segue na luta sendo um homem negro em um espaço universitário.

Minha tia e meus primos, que estão comigo desde o dia da minha aprovação.

Por fim, agradeço à minha orientadora Alexandra Resende Campos que me deu suporte e esteve comigo me ajudando a elaborar esse trabalho voltado para algo tão precioso, a infância preta.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo investigar o impacto da Lei 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, sobre a representação racial na literatura infantil. A pesquisa examina quatro obras literárias infantis que tiveram um papel significativo na trajetória da autora: duas referentes à sua infância e duas adquiridas durante sua formação em Pedagogia são elas “O menino marrom” de Ziraldo Alves Pinto(1986), “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado (1986), “O mundo no black power de Tayó” de Kiusam de Oliveira(2013) e “Amoras” de Emicida(2018). Aproveitando seu acesso privilegiado a livros infantis por ser filha de professora, a autora busca observar como a lei influenciou a representação de personagens negros e a afirmação racial nos textos analisados. A análise qualitativa e exploratória foca no conteúdo narrativo das obras, analisando mudanças em representações raciais antes e depois da promulgação da lei, visando ao fim deste trabalho compreender como a representatividade negra foi abordada dentro dos livros selecionados sob aporte teórico de autores também negros, como Luiz Silva Cuti (2010), Abdias Nascimento(1978), Neuza Santos(2021), entre outros.

Palavras chave: Literatura infantil , literatura negro brasileira, protagonismo negro, representatividade

ABSTRACT

This final course work aims to investigate the impact of Law 10.639/2003, which makes the inclusion of Afro-Brazilian history and culture mandatory in the school curriculum, on racial representation in children's literature. The research examines four children's literary works that played a significant role in the author's trajectory: two related to her childhood and two acquired during her training in Pedagogy: “O menino marrom” by Ziraldo Alves Pinto (1986), “Menina bonita do laço de fita” by Ana Maria Machado (1986), “O mundo no black power de Tayó” by Kiusam de Oliveira (2013) and “Amoras” by Emicida (2018). Taking advantage of her privileged access to children's books as the daughter of a teacher, the author seeks to observe how the law influenced the representation of black characters and racial affirmation in the texts analyzed. The qualitative and exploratory analysis focuses on the narrative content of the works, analyzing changes in racial representations before and after the enactment of the law, aiming at the end of this work to understand how black representation was addressed within the selected books under the theoretical contribution of also black authors, such as Luiz Silva Cuti (2010), Abdias Nascimento (1978), Neuza Santos (2021), among others.

Keywords: Children's literature, black Brazilian literature, black protagonism, representation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capa do livro: O menino marrom.....	19
Figura 2 :Capa do livro: Menina bonita do laço de fita.....	19
Figura 3: Intervenção:"Tayó - Autoestima, Respeito, Ancestralidade, Cuidado".....	20
Figura 4: Capa do livro: O mundo no Black Power de Tayó.....	21
Figura 5: Capa do livro: Amoras.....	22
Figura 6: Página 12 e 13 do livro: Menina bonita do laço de fita.....	24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A Construção da identidade negra e a Lei 10.639/2003	11
2 A literatura infantil e a construção da identidade negra	15
3 Desvendando Narrativas: A Representação Negra na Literatura Infantil	17
3.1 Apresentação das obras	18
3.2 Análise crítica	21
CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso visa compreender se a Lei 10.639/2003, que determina a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, no Ensino Fundamental e Médio, influenciou a forma como a temática da representatividade racial é abordada dentro da literatura infantil. Para isso, serão analisadas quatro obras literárias infantis que marcaram minha trajetória como mulher negra, sendo duas obras que marcaram minha infância e duas obras que estiveram presentes na minha formação durante o curso de Pedagogia. Sendo filha de professora, tive o privilégio de acessar obras infantis e mergulhar no mundo do faz de contas desde pequena. Nas análises serão considerados conteúdo narrativo dessas obras, bem como a forma como as pessoas negras eram representadas antes e depois da promulgação da lei, em termos de representatividade e afirmação racial.

Durante minha trajetória na Universidade Federal de Ouro Preto busquei me relacionar academicamente com a temática étnico racial. Sempre que tinha algum trabalho com tema livre, logo o vinculava dentro destas discussões, selecionando o tema étnico racial, principalmente quando relacionada à comunidade preta.

Porém, uma experiência específica me marcou, no sétimo período do curso de Pedagogia, tive a oportunidade de cursar a disciplina “EDU164 - Currículo: teoria e prática”, ministrada pela professora Alexandra Resende Campos. Ao desenvolver e apresentar um seminário em grupo, relacionamos o currículo escolar com questões étnico raciais. Assim, discutimos sobre quão o currículo escolar ainda tem caráter racista e excludente, dialogando sobre a construção de narrativas negativas acerca dos povos originários, ou seja os indígenas, e da população negra partindo do silenciamento das discussões voltadas para as diversidades étnicas. Ao fim dessa atividade, apresentei a literatura como ponto de partida para a busca da valorização e reconhecimento identitário, almejando a quebra de estereótipos e propondo a construção de novas narrativas.

A partir dessa experiência comecei a pensar em meu trabalho de conclusão de curso, junto às minhas vivências como bolsista do Programa Residência Pedagógica¹. Neste programa atuava no subnúcleo Relações Etnico Raciais². Iniciávamos nossas atividades por meio dos livros literários infantis. Dialogamos com as crianças temas amplos, assim percebi a

¹ O Programa Residência Pedagógica é vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Seu principal objetivo é apoiar projetos institucionais executados pelas instituições de Ensino Superior visando a formação inicial de professores(as) da educação básica durante os cursos de licenciatura.

² O subnúcleo Relações Etnico Raciais do programa Residência Pedagógica da UFOP é coordenado pelos(as) docentes Dr. Marcelo Donizete e Dr.^a Cristina Sacramento, ambos vinculados ao Departamento de Educação (DEEDU). As ações são desenvolvidas na Escola Estadual Doutor Gomes Freire nas turmas de segundo ano, tendo como responsável a professora Rosenéa da Consolação de Castro Santos.

importância da literatura dentro de sala de aula para tratar dos mais diversos assuntos, visto que a literatura é uma ferramenta multidisciplinar que pode marcar diversas pessoas, assim como me marcou.

Sendo eu, uma mulher negra de cabelo crespo, nunca me enxergava em nenhum ambiente. Assim, passei a tentar ser a minha própria referência. Aos 17 anos iniciei o meu trabalho como trancista e artista, conquistando reconhecimento dentro da comunidade negra em minha cidade natal, Santa Bárbara-MG. Com o passar dos anos e com meu ingresso na universidade, descobri minha paixão pela literatura e escrita. Considerando que a escrita também é uma forma de representatividade, meu trabalho de conclusão de curso se encarrega de voltar ao local de ser representação, como também segue ao encontro de algo que tive raras vezes na infância, o contato com a literatura Negra Brasileira³. Esta visa que os indivíduos negros, inseridos nas mais diversas culturas e identidades, possam se reconhecer e compreender sua importância dentro do contexto histórico brasileiro, buscando sanar a falta de representatividade nas mais diversas esferas midiáticas através da literatura.

Para alcançar os objetivos propostos, este trabalho foi organizado em três capítulos, além da presente introdução e considerações finais. O primeiro irá tratar da relação identitária para indivíduos negros, partindo do contexto social brasileiro marcado pela escravização, especifica também o que é a Lei 10.639/2003 e como ela pode impactar a temática racial na construção dessa identidade dentro de sala de aula. Logo após, o segundo capítulo, estabelece a relação da literatura com a construção da identidade negra, explicitando sua importância e especificidades ao se tratar da identidade negra. Já no terceiro capítulo, apresento as obras selecionadas para a minha análise, sendo: “O menino marrom” de Ziraldo Alves Pinto(1986); “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado (1986); “O mundo no black power de Tayó” de Kiusam de Oliveira(2013) e “Amoras” de Emicida(2018), seguida de uma análise crítica dos livros.

³ A literatura negra brasileira, como abordada por Luiz Silva Cuti (2010), surge como uma resposta crítica às representações predominantemente brancas e racistas na literatura tradicional. Esse modelo visa quebrar com esse padrão, propondo uma produção literária cujo o indivíduo da escrita é o próprio negro, valorizando assim a cultura afro brasileira e propondo a construção de novas narrativas.

1. A Construção da identidade negra e a Lei 10.639/2003

Discutir a construção da identidade do negro dentro do contexto histórico brasileiro trata-se de não esquecer do processo de genocídio e extermínio que estes passaram em sua chegada ao Novo Continente. Abdias Nascimento em seu livro "O genocídio do negro no Brasil; processo de um racismo mascarado" (1978), descreve a escravidão como “a qualidade, extensão e intensidade da relação física e espiritual dos filhos dos três continentes América, África e Europa com um esforço em comum: edificar um novo país com suas características próprias”. Abdias evidencia que a imediata exploração do Brasil iniciou simultânea ao aparecimento da raça negra, assim, fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas, seu sangue, seu suor e seu martírio na escravidão.

Considerando a relação da população negra com a formação do Brasil contemporâneo, podemos debater sobre a situação desta população na atual estrutura do país. Por mais significativa que essa evolução seja, é perceptível que essa relação ocorre de forma inversamente proporcional aos direitos destinados a esses indivíduos.

A Lei n.º 12.288, de 20 de julho de 2010, que se trata do Estatuto da Igualdade Racial no Brasil, em seu Artigo 1º, parágrafo único, inciso IV, compreende a população negra como “o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas”. Assim, o IBGE pesquisa a cor ou raça da população brasileira com base na autodeclaração. A “autodeclaração também é uma reflexão que foi historicamente reconhecida e pleiteada pelo movimento negro, como modo de valorização identitária da população negra” (COSTA, 2018, p. 42).

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua (2022), 42,8% da população residente brasileira se declararam como brancos e 55,9% como pardos e pretos.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, desde quando começa a considerar a cor e a racialidade nos seus critérios em 1987, continua explicitando diversas desigualdades entre grupos étnico raciais que constituem a população brasileira. Nessa mesma pesquisa é destacado que a população negra até hoje permanece recebendo os menores salários, sendo maior número de crianças em situação de rua, enfrentando altas taxas de desemprego, mas por outro lado, eles também representam o maior contingente de trabalhadores.

Quando discutimos os dados relacionados às questões educacionais, dados recentes de uma pesquisa realizada pelo Ministério da Educação (MEC), em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), divulgam “O círculo vicioso da desigualdade racial na educação do Brasil: quando a diversidade racial e étnica se transforma em

desigualdade”⁴. Com dados presentes sobre a desigualdade racial, dialogando desde a quantidade de alunos negros que ingressam no ensino superior até a oferta de educação pública. De acordo com o estudo, a oferta da educação pública não é a mesma para pretos, pardos e indígenas.

Em relação à infraestrutura escolar, por exemplo, 98,2% dos estudantes brancos em escolas convencionais têm acesso a água, energia e coleta de lixo e esgoto. O acesso de alunos pretos, pardos e indígenas no mesmo tipo de escola é de 96,5%, 92,9% e 89,5%, respectivamente. Em termos gerais, dos 2,3 milhões de discentes sem infraestrutura mínima, 86% são pretos, pardos ou indígenas.(BRASIL, 2024)

Se nem o acesso à educação básica é dado, como podemos discutir sobre a permanência desses indivíduos na escola?

Vera Candau (2003) apresenta a instituição escolar como um microuniverso social, ou seja, um reflexo do mundo fora dela, assim como o mundo a escola se encontra como um ambiente amplamente diverso. Podendo reproduzir também padrões de conduta e comportamento semelhantes aos encontrados nas relações sociais fora da escola. “Podemos dizer que ainda que valores como igualdade e solidariedade, respeito ao próximo e as diferenças estejam presentes no discurso da escola, outros mecanismos, talvez mais sutis, revelam que preconceitos e estereótipos, também integram o cotidiano escolar”(CANDAU, 2003, p. 24). Ou seja, a escola é reflexo dessa sociedade racista em que vivemos, a mesma não faz esforços quanto a quebra desses padrões mantendo altos índices de analfabetismo, exclusão, evasão e reprovação escolar.

De acordo com Fernandes (1978), ao considerar a diversidade racial existente no Brasil tanto em termos populacionais quanto culturais, ainda podemos observar que essa diversidade não é refletida de maneira igualitária nos sistemas educacionais e nos espaços de disseminação e construção de conhecimento. “Isto porque em sociedades compostas por diferentes grupos raciais e atravessadas pelo racismo, como é o caso do Brasil, a raça exerce funções simbólicas valorativas e estratificadoras”(Fernandes, 1978).

A partir disso temos que pensar em como desenvolver um trabalho realmente respeitoso com nossas crianças, a partir do entendimento que esta vivencia o mundo através de sensações, experiências e sentimentos. Para a criança negra não seria diferente, Neusa Souza

⁴ Disponível em : <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/junho/mec-divulga-pesquisa-sobre-desigualdade-racial-na-educacao>. Acesso em: 26 de ago. de 2024.

Santos em seu livro “Tornar-se negro” (2021) apresenta a negritude como um processo progressivo de construção, durante a escravidão, acontece o processo epistemicídio focado no apagamento estrutural do conhecimento africano, realizado inicialmente através do catolicismo ou da renomeação desses indivíduos, assim muitos elementos da cultura negra se perderam e até hoje tentam encontrar o caminho.

Na construção da identidade negra com prioridade no restauro das memórias de africanidade das pessoas, torna-se um resgate por falta dessas referências, a identidade da criança negra não nasce com ela. Como a Escola é parte dessa sociedade, é necessário que nós educadores e educadoras, criemos contextos favoráveis à sua criação e fortalecimento da sua autoimagem.

Precisamos transformar o ambiente escolarizado em um local propício para ensinar e acolher diferentes tipos de corpos. Isso pode trazer novas perspectivas para a educação, permitindo que nossos alunos e nossas alunas acreditem que podem atuar como protagonistas de suas próprias histórias.

Com isso, torna-se importante a disseminação de ações anti discriminatórias dentro do ambiente escolar, não só para o ingresso, mas para a permanência dessas pessoas dentro deste espaço. Buscando resgatar a herança, estética e identidade africana, por meio de práticas educativas, busca-se reivindicar a presença de pessoas negras no campo representativo.

A escola para além do espaço de construção de conhecimento se tornou uma forma estratégica de fundamentações e concepções de realidade, a educação se tornou um importante cenário de disputas ideológicas e políticas, se tornando um dos principais espaços de concepção e discussão de leis. Assim, “declarar direitos é um recurso político-pedagógico que expressa um modo de conceber as relações sociais dentro de um país” (Cury, 2000, p.32). As leis não surgem do nada, são acompanhadas de uma série de lutas de grupos sociais em torno de seus interesses e/ou necessidades, e a Lei 10.639/2003, que é o ponto de referência deste trabalho, não poderia ser diferente.

A Lei 10.639/2003, “altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

O inciso 2 da lei ressalta a importância de enfatizar os estudos sobre a história e cultura brasileira em todo o currículo escolar, especialmente nas áreas de educação artística, literatura e história. "A questão da raça e etnia não é meramente um "tema transversal": ela é uma questão central de conhecimento, poder e identidade (SILVA, 1999 p.102).

As produções que abordam as temáticas étnicas também são espaços de intensos debates. É fundamental abordar a importância do diálogo sobre corpos que são frequentemente invisibilizados. Devemos criar cada vez mais espaços de representação para esses indivíduos, para que não apenas se sintam representados, mas também possam futuramente atuar como representação.

2. A literatura infantil e a construção da identidade negra

A literatura é uma grande metáfora da vida do homem. Sendo assim, é sempre surpreendentemente, uma maneira nova de se apreender a existência e instituir novos universos. (CAVALCANTI, 2002, p.12)

A literatura é uma arte, é também uma reprodução de modos de vida das sociedades. É uma força pela qual se traça um destino a seguir e é importante que, por meio dela, indivíduos de diversas culturas e identidades possam se ver e compreender sua importância dentro do contexto histórico em que estão inseridos. Porém, “Num país eurocêntrico como o Brasil, os livros de forma geral bem como a literatura infanto-juvenil tendem a refletir pensamentos e posturas eurocêntricas e racistas” (OLIVEIRA, 2014, p. 09).

Precisamos transformar o ambiente escolarizado em um local propício para ensinar e acolher diferentes tipos de corpos, não apenas convidando essas pessoas para a sala de aula, mas também garantindo sua permanência nesse espaço. Isso pode trazer novas perspectivas para a educação, permitindo que nossos alunos acreditem que podem atuar como protagonistas de suas próprias histórias.

“Agregar uma qualificação para o termo literatura é algo que envolve uma complexa teia de construções históricas, estéticas e significantes”(SOUZA, 2016, p. 134), e, conforme continua, a autora vem apresentando o conceito de literatura negra/afro-brasileira esta que compreende a quebra de uma teoria literária tradicional postulada como universal, o que nos faz imergir em engendramentos conceituais e discursivos, que, para além de pressupostos estéticos, abarcam questões ideológicas, culturais e de poder.

Acredita-se que a literatura pelo seu caráter simbólico possa contribuir sobremaneira para reflexões que rompam com uma visão construída sob o pilar da desigualdade étnica e se solidifique sob uma base de valorização da diversidade (DEBUS, 2007, p.01).

Debus reforça a necessidade de livros com personagens, ou melhor, protagonistas negros, assim destacando a importância dos livros como ferramenta para qualificar as relações humanas. Por mais que os livros apresentem uma realidade ficcional é indispensável entender que também estabelecem importantes conexões com o mundo real, refletindo aspectos da vida social, sentimental e emocional.

“A identificação com narrativas próximas de sua realidade e com personagens que vivem problemáticas semelhantes às suas leva o leitor a reelaborar e refletir sobre o seu papel

social e contribui para a afirmação de uma identidade étnica” (DEBUS, 2007, p.1) Ao passo que a literatura negra brasileira, é importante não só para os negros, como também para pessoas brancas, ao propor uma fuga do imaginário negro presente na branquitude.

A literatura infantil oferece um espaço vasto para discutir o mundo no qual a criança irá crescer e participar ativamente. Espera-se que, mesmo em sua fase de desenvolvimento e produção cultural, a criança encontre mais oportunidades para ser ouvida e reconhecida. Da mesma forma, espera-se que a literatura infantil também seja uma plataforma onde essas vozes possam ser amplamente ouvidas e valorizadas.

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. (MUNANGA, 2005, p. 17)

Diante disso, sugiro realizar uma análise literária sobre o desenvolvimento da literatura afro-brasileira, tanto antes como após a implementação da Lei 10.639/2003, que determina a obrigatoriedade do ensino de temas como a história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil. É também importante destacar a valorização da cultura negra brasileira e o papel dos negros na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política que moldaram a história do país. Assim, pretendo analisar como as representações de pessoas negras são retratadas nesses estudos. Para atingir os objetivos propostos, analisarei quatro obras literárias voltadas para o público infantil, sendo duas antes do ano de 2003 e duas após, a fim de compreender sua estrutura, desde as representações visuais das pessoas negras até às narrativas que participam.

A escolha destas obras foram baseadas em minha trajetória, considerando os livros infantis que marcaram minha infância e a minha formação no curso de Pedagogia. Duas obras são anteriores a lei 10.639/2003, “O menino marrom” de Ziraldo Alves Pinto(1986) e “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado(1986). As obras que são posteriores a lei são “O mundo no black power de Tayó” de Kiusam de Oliveira(2013) e “Amoras” de Emicida(2018).

3. Desvendando Narrativas: Representações negras na literatura infantil

Sendo filha de pedagoga, sempre me encontrei em um ambiente favorável à aprendizagem, o que inevitavelmente remeteu ao reforço da auto imagem. Minha mãe atuou, durante toda a minha infância, como professora em uma escola da rede municipal da cidade de onde morávamos - Santa Bárbara, estudava na mesma escola. Assim, quando era criança minha mãe trazia alguns livros da escola para casa. Minha mãe sempre foi uma dessas professoras alfabetizadoras que estimulava a leitura, apesar de não ser na mesma intensidade que seus alunos ela também estimulava eu e meus dois irmãos a ter como prática a leitura, assim ela buscava contar histórias que ela mesmo criava antes de dormirmos e ter o hábito de ler . “O menino marrom” e a “Menina bonita do laço de fita” ambos do mesmo ano de lançamento fizeram parte do estímulo a este hábito, o que a escola não estimulava de leitura de livros que gostássemos, minha mãe dentro das suas condições buscava nos trazer para a leitura por prazer.

Após um longo espaço de tempo, já no curso de Pedagogia, voltei a ler livros infantis, retornando a uma memória de uma infância também marcada pela negritude. No âmbito do Projeto Residência Pedagógica, as aulas sempre eram iniciadas pela leitura de um livro na temática étnico racial. Nesses momentos tive a oportunidade de conhecer os livros “O mundo no black power de Tayó”(2013) e “Amoras”(2018). Já na fase adulta, poder ler estes livros me levou a memórias de uma infância de sonhos, um destes escrever e ilustrar um livro infantil.

Foram estas obras que estiveram presentes em minha trajetória e que tiveram representatividade em minha formação enquanto mulher negra. Por duas delas ser anterior e duas posterior à Lei 10.639/2003, neste capítulo, apresentarei as histórias contidas nestas obras, a forma como estabeleci contato com elas e o impacto que esses encontros tiveram em minha vida enquanto criança e adulta negra, ambas em processo de construção de identidade.

Para cada livro, farei uma breve descrição da narrativa e das principais temáticas, destacando os elementos que considero mais relevantes. Relatarei como cada obra chegou até mim, seja através de recomendações, descobertas pessoais ou influências externas. Discutirei o que esses encontros significaram, incluindo como as histórias e temas abordados ressoavam com minha própria experiência e visão de mundo.

Por fim, farei uma análise crítica das obras, considerando aspectos como a narrativa, vocabulário utilizado, descrição dos personagens e relevância dos temas tratados. O objetivo é compreender as nuances presentes nos livros antes e depois da Lei 10.639/2003,

compreendendo se essa obrigação realmente aprimorou as representações de pessoas negras nesses livros.

3.1 Apresentação das Obras

Meu primeiro contato com "O Menino Marrom" (1986) de Ziraldo ocorreu quando eu era criança, recordo de ter folheado o livro inúmeras vezes, principalmente nas primeiras páginas onde há a descrição do nariz do menino marrom, lembro de me sentir representada, já que meu nariz se parecia com o dele. A idade exata que esse encontro aconteceu não é vívida em minha memória, mas me recordo de ler sozinha, folhear ao vê-lo pela casa. Embora eu não me recordasse enquanto adulta do conteúdo do livro, fora a descrição, escolhi o livro para meu Trabalho de Conclusão de Curso, por ser um dos poucos exemplos de literatura infantil que apresentava personagens negros que conheci na minha infância.

No enredo, Ziraldo narra a amizade entre duas crianças, descritas pelos tons de sua pele: o menino marrom e o menino cor-de-rosa. Integrante da coleção "Mundo Colorido", a obra explora como essa amizade evolui desde a infância até a vida adulta, destacando a importância das cores e suas conotações tanto sociais quanto artísticas. O menino marrom é um livro de poucas e marcantes ilustrações, e muita escrita narrando as aventuras dos meninos juntos. As ilustrações pontuais mostram, por exemplo, de início, as características físicas das crianças, ao narrar a descrição do menino marrom e o menino cor de rosa ajuda a enriquecer esse momento materializando a estética de cada um. As roupas que o menino marrom usava não se encontra escrito ao lado de sua imagem como as outras características físicas, porém lá se encontrava sua imagem trazendo elementos visuais não narrados como sua camiseta amarela, bermuda e chinelo azuis, o mesmo valia para o menino cor de rosa, descrito com blusa branca, calça amarela e tênis . Em outros momentos o menino marrom até sobe em umas das letras, demonstrando o quão o menino é espoleta.

Figura 1: Capa do livro: O menino marrom

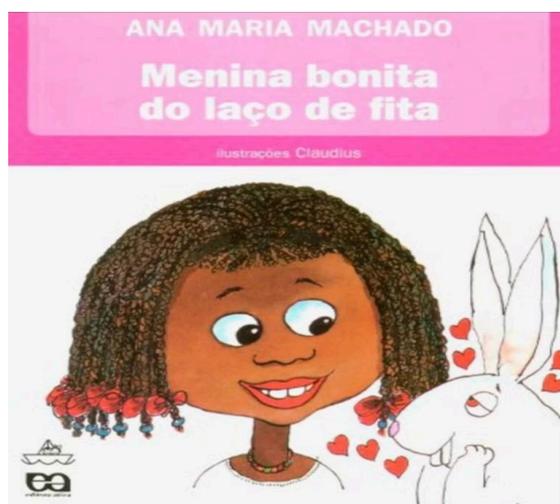


Fonte: Google Imagens

Quase na mesma etapa da minha vida pude ter contato com a obra "Menina Bonita do Laço de Fita", também de 1986, escrito por Ana Maria Machado, desse me recordo da minha mãe fazer a leitura, parecia ser algo mais afetivo talvez por ela ler para as duas filhas negras antes de dormir. A história centra-se na curiosidade de um coelho branco de olhos vermelhos sobre qual o segredo da cor da pele de uma menina negra que usava em seus cabelos trançados e com laços de fita nas pontas.

A partir da vontade do coelho de ter uma filhote pretinha assim como a menina, começa a indagar a menina sobre o que fazer para ter seu tom de pele: "Menina bonita do laço de fita, qual é o segredo para ser tão pretinha?" (p. 8), assim a menina negra tenta explicar a sua pele de várias maneiras, como por exemplo, "Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina" (p. 8), "Ah, deve ser porque comi muita jabuticaba quando era pequenina" (p. 12), depois de um tempo quando ia inventar a história de comer feijoada foi interrompida por sua mãe, que esclareceu que a cor está ligada à genética.

Figura 2 :Capa do livro: Menina bonita do laço de fita



Fonte: Google Imagens

Já no livro "O Mundo no Black Power de Tayó", de 2015, tive contato durante o Projeto Residência Pedagógica. Participei de uma intervenção intitulada "Tayó - Autoestima, Respeito, Ancestralidade, Cuidado", que envolveu debates intensos sobre autoestima relacionada a cabelo, elemento da herança ancestral negra e respeito às diferenças, bem como atividades criativas como a confecção de enfeites para o cabelo de Tayó. A intervenção realizada pela residente Ana Júlia⁵, ao fim dessa atividade mostraria um vídeo em parceria com uma artista local, que seria a nossa Tayó. Antes de reproduzir o vídeo, a professora perguntou quem as crianças achavam que era a Tayó. Para surpresa de todos, os alunos fizeram uma analogia entre mim e Tayó, o que destacou a importância do papel do educador negro como representatividade em discussões sobre questões raciais.

Figura 3: Intervenção: "Tayó - Autoestima, Respeito, Ancestralidade, Cuidado"



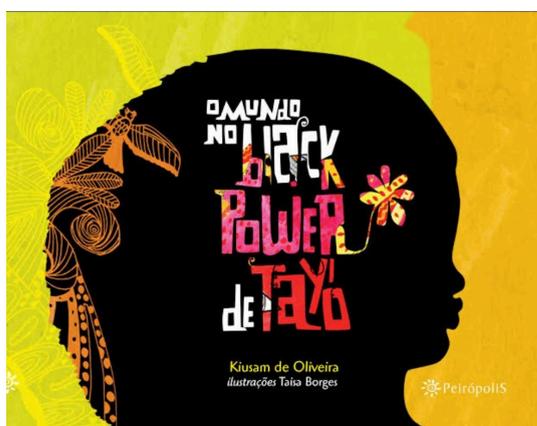
Fonte: Google Fotos da autora

A obra de Kuisam de Oliveira apresenta Tayó, uma menina de 6 anos e múltiplas qualidades. A autora desde a primeira página evidencia sua beleza partindo da seguinte frase: “Seu rosto parece uma moldura de valor, que destaca belezas infinitas”(p.1). A partir disso faz uma detalhada e afetuosa descrição dos traços de Tayó. O livro retrata principalmente a relação da menina com seu cabelo Black Power, destacando-o como um símbolo de

⁵ Estudante do curso de Pedagogia e bolsista do Programa Residência Pedagógica no subnúcleo de relações étnico raciais no ano de 2023

identidade, autocuidado e ancestralidade. O cabelo de Tayó vive cheio de adornos, colocados por sua mãe, como borboletinhas, florzinhas, tiarinhas de tranças, mostrando a versatilidade do cabelo crespo. A autora faz questão de destacar que Tayó além de muito bonita, tem outras qualidades “Bem-humorada, quando seus colegas de classe dizem que seu cabelo é ruim, ela responde: _ Meu cabelo é muito bom, porque é fofo lindo e cheiroso”. Apesar das dificuldades, a autora destaca que o cabelo de Tayó é como uma coroa, representando uma herança que desafia a narrativa de que os negros são descendentes de pessoas escravizadas, mas sim que seus ancestrais são reis e rainhas.

Figura 4: Capa do livro: O mundo no Black Power de Tayó



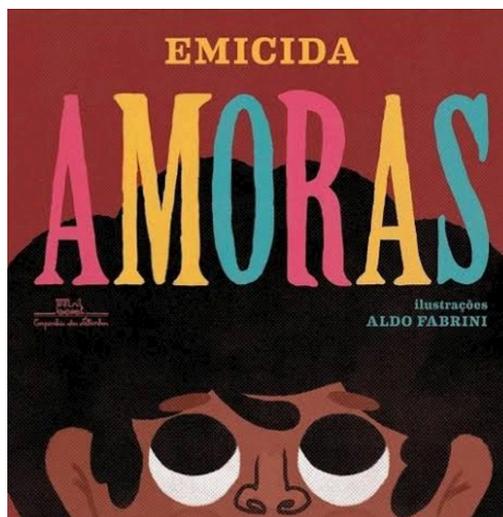
Fonte: Google Imagens

Por fim, estabeleci contato no mesmo período com o livro "Amoras" (2013), escrito por Emicida. Este foi selecionado tendo como critério a minha admiração pelo rapper e impulsionado por minha curiosidade de lê-lo. Embora não tenha sido utilizado em intervenções pedagógicas, tive o prazer de ler para meu sobrinho durante o período da greve docente federal e dos técnicos. A leitura gerou várias perguntas, e o glossário incluído foi extremamente útil para explicar conceitos e termos. Achei que tinha sido apenas uma leitura, dessas que fazemos antes da criança ir dormir. Alguns dias depois meu sobrinho, com apenas 6 anos, demonstrou empoderamento em relação a sua cor e expressou seu orgulho por sua identidade negra, comparando-se às amoras, sendo ele "pretinho e docinho" assim como a protagonista do livro, filha do cantor Emicida, Stela.

A história de Amoras surge de uma conversa do escritor com sua filha debaixo de uma amoreira, assim ao ensinar para sua filha que as amoras “[...]pretinhas são o melhor que há”(p.11) a criança também pretinha se empodera. O livro é inspirado na música “Amoras”, do segundo álbum do artista, na qual Emicida canta: “Que a doçura das frutinhas sabor acalanto/ Fez a criança sozinha alcançar a conclusão/ Papai que bom, porque eu sou pretinha também”. A partir da afirmação da criança, o autor levanta nomes de personalidades negras

que teriam orgulho dessa movimentação. Emicida propõe ter fé nas crianças, ao enxergar que há uma mudança dos nossos antepassados para as crianças de agora, quando narra que Zumbi dos Palmares diria que “Nada foi em vão”(p.16)

Figura 5: Capa do livro: Amoras



Fonte: Google Imagens

3.2 Análise Crítica

Pensar o trabalho com literatura infantil voltada para a temática étnico racial em sala de aula envolve refletir sobre como a literatura impacta todos os membros da comunidade, seja ela escolar ou não. A obra de Luiz Silva Cuti, sobre a literatura negra brasileira, oferece um panorama importante para essa reflexão.

Embora o livro de Cuti seja breve em extensão, sua profundidade é notável. Ele realiza um exame detalhado da presença e representação do negro na literatura brasileira ao longo da história, abordando como a figura negra foi retratada e vista por diversos autores. Cuti analisa desde a representação pitoresca do negro no romantismo até a visão folclórica no modernismo, e como, finalmente, o negro começou a alcançar um protagonismo mais significativo no final do século XX. Embora Cuti não se concentre especificamente na literatura infantil nessa obra, o autor no livro Negroesia(2007) na poesia “Cultura Negra”, usa o termo “Afroinfância literária”(p. 70) evidenciando a atenção do autor quanto a tal temática, abrindo espaço para discussão da complexidade da experiência negra na literatura e na sociedade.

Cuti apresenta seu livro a partir da seguinte descrição: "O assunto deste livro é a literatura brasileira. A proposta é iluminar um de seus múltiplos aspectos, que é a literatura negra brasileira. Tanto no corpus que constitui quanto a razão de tal destaque serão discutidos no texto." Assim o autor busca também estabelecer a diferença entre a literatura brasileira e a literatura negra brasileira.

Para Cuti (2010) a literatura Brasileira é definida como parte de uma mera representação, não é constituída por todos os agentes, excluindo o negro, parte de um imaginário cultural racista, levando o negro a características folclóricas e pitorescas. Já a literatura negra/afro-brasileira, parte de autoria de negros, podendo este ser escritor, sujeito e leitor. A partir disso, o autor negro se torna um importante agente para a qualidade das obras voltadas para o público negro. Essa é a primeira diferença entre os livros selecionados de antes e depois da lei, a autoria dos livros de antes da lei se dá por pessoas brancas.

Cuti ressalta como “A emergência de personagens, autores e leitores negros trouxe à literatura brasileira questões sobre sua própria formação, como a incorporação de elementos culturais africanos e a evolução das concepções críticas e classificatórias sobre poesia e ficção (CUTI, 2010, p. 12). Assim, a literatura pensada a partir do indivíduo negro ganha mais força quando produzida por autores negros, oferece uma perspectiva autêntica e rica, contrastando

com a literatura branca que muitas vezes reduziu a identidade negra a estereótipos, partindo também da diferenciação dos corpos.

O livro "O Menino Marrom" demonstra esse modelo de abordagem, simplista e estereotipada, narrando a amizade entre o menino marrom e o menino cor-de-rosa com base na diferença de cor, uma estratégia comum em obras de autores brancos, conforme observado por Cuti (2010). O livro trata das cores de forma lúdica como por exemplo quando menino marrom e o menino cor de rosa descobrem que o marrom é a soma das cores da marrom, "A mistura das cores todas deu um marrom. Um marrom forte como o do chocolate puro" (p.15), ou quando os menino tem contato com o disco de Newton logo após esse momento e descobre que " O branco é a soma de todas as cores em movimento" (p.18). Mas a abordagem ainda reflete uma visão simplista e despersonalizada da identidade negra. Descrevendo as duas pessoas apenas a partir de seu tom de pele "E vamos deixar de ficar falando nesse negócio de preto, pois a nossa história é do menino marrom." (ZIRALDO, 2013, p. 3) ou quando após a cena do disco de Newton o menino cor de rosa diz não ser branco, "Só tem um detalhe: eu não sou branco!"(p.18)

Da mesma forma, "Menina Bonita do Laço de Fita" tenta educar sobre a diferença de cor, mas ainda cai na armadilha de reduzir a identidade negra a uma característica quase exótica, observada através da curiosidade de um personagem externo, quando o coelho tem curiosidade de saber o porque do tom de pele da menina negra ser pretinha.

Os livros anteriores à Lei 10.639 coincidentemente tendem a evitar a nomeação dos personagens negros, em nenhum momento das obras sabemos os nomes das pessoas negras, referindo-se a eles apenas por características físicas como "menina bonita" e "menino marrom". Nomear personagens negros é um aspecto crucial para a representação autêntica, como exemplificado por Emicida em "Amoras", que, apesar de usar o termo "pretinha", faz referência à sua filha, Stella. Além disso, muitos desses livros descrevem a cor apenas como um atributo visual, sem reconhecer a complexidade étnica envolvida, como observado quando um coelho pinta a própria pele de preto em "Menina Bonita do Laço de Fita".

No mesmo livro a mãe da menina bonita do laço de fita é descrita ao fim do livro como uma mulata linda e risonha(p. 13), não sendo nomeada.

Figura 6: Página 12 e 13 do livro: Menina bonita do laço de fita



Por isso, daí a alguns dias ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:
— Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?
A menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoadá, quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:
— Artes de uma avó preta que ela tinha...

Fonte: Livro “Menina bonita do laço de fita” p. 12 e p. 13

O termo “mulata” tem conotações racistas, e a crítica ao seu uso é expressa no poema “Não me Chame de Mulata”(2015) de Jarid Arraes, que questiona e rejeita essa designação pejorativa para mulheres negras de diferentes tons de pele – a indignação do uso dessa expressão pode ser resumida durante os seguintes versos do poema:

[...] Essa palavra “mulata”
Ela não me representa
Não sou cria de jumento
Nem de burro sou rebenta
Eu sou filha duma gente
Corajosa e imponente
Com história opulenta.

Jarid (2015) segue rejeitando tal definição, até dado momento onde descreve que:

[...] A beleza das pessoas
Está na diversidade
É por isso que acredito

Com muita sinceridade
Que ser negra é alegria
Com destreza e ousadia
É minha prioridade [...]

A crítica à literatura infantil anterior à Lei 10.639/2003 é particularmente relevante quando se considera a falta de nomeação e a representação estereotipada. A literatura produzida por autores negros, como Kiusam de Oliveira e Emicida, oferece uma visão mais autêntica e multifacetada da experiência negra, enriquecendo o repertório educacional. A citação de Cuti destaca a diferença fundamental entre a perspectiva de autores negros e brancos, enfatizando a importância da vivência direta na construção de narrativas mais profundas e reais.

A literatura negra, por outro lado, é marcada por uma perspectiva subjetiva e uma memória afetiva que confere maior profundidade e verossimilhança às narrativas. Autores negros têm uma compreensão mais profunda da experiência negra, o que lhes permite expressar de maneira mais autêntica as complexidades e nuances das relações inter-raciais e do impacto do racismo.

Em contraste, a literatura produzida por autores negros, como Kiusam de Oliveira e Emicida, oferece uma visão mais autêntica e multifacetada da experiência negra, enriquecendo o repertório educacional, enfatizando a importância da vivência direta na construção de narrativas mais profundas e reais.

A Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, marca uma mudança significativa na educação. O livro "O Mundo no Black Power de Tayó", publicado em 2013, é um reflexo dessa nova abordagem, destacando a importância da autoestima e da ancestralidade. Tayó é retratado com um cabelo Black Power que simboliza identidade e orgulho negro, oferecendo uma representação mais positiva e empoderadora. A narrativa incentiva a discussão sobre autoestima e ancestralidade, representando um avanço notável em relação à representatividade.

Emicida ao escrever "Amoras" aborda o amor próprio e o empoderamento racial, incentivando os leitores a se reconhecerem e se orgulharem de sua identidade, explicitada no trecho “ Papai que bom, porque sou pretinha também”(p. 19). O livro, com seu glossário e

linguagem acessível, permite que questões complexas sobre identidade negra sejam discutidas de maneira compreensível para crianças. A interação do meu sobrinho com a obra demonstra a eficácia dos livros contemporâneos em promover uma autoimagem positiva e o reconhecimento da identidade negra. Utilizando uma linguagem simples e popular, semelhante ao rap que Emicida canta, a narrativa convida todas as crianças a refletirem sobre quem são, desafiando preconceitos relacionados à cor da pele e religião.

O livro apresenta diversas representações de “Deus” e explora termos relacionados a religiões de forma inclusiva, apresenta às crianças personalidades negras notórias como Martin Luther King, Malcolm X e Zumbi dos Palmares, importantes nomes na luta contra o escravidão e posterior racismo.

A inclusão de obras como "Amoras" de Emicida, O livro, com seu glossário e linguagem acessível, permite que questões complexas sobre identidade negra sejam discutidas de maneira compreensível para crianças. A interação do meu sobrinho com a obra demonstra a eficácia dos livros contemporâneos em promover uma autoimagem positiva e o reconhecimento da identidade negra.

A literatura infantil deve avançar para oferecer representações mais autênticas e complexas da negritude. A contribuição de autores negros é fundamental para alcançar esse objetivo, proporcionando uma visão mais rica e verdadeira das experiências negras e combatendo os estereótipos persistentes presentes nas obras de autores brancos.

CONCLUSÃO

A análise das obras revela uma evolução significativa na representação da negritude na literatura infantil, impulsionada pela mudança na legislação e pela contribuição de autores negros. As obras mais recentes oferecem uma representação mais rica e afirmativa, contrastando com a abordagem mais superficial e estereotipada dos livros anteriores.

A literatura na perspectiva afrocentrada, presente com a autoria marcante de adultos negros, diz sobre a voz que não foi ouvida na infância. Porém, faz-se necessário que entendamos que a literatura apesar de seu potencial revolucionário, não move toda uma sociedade, há uma série de engrenagens que precisam ser movidas, mas estas com o auxílio da literatura com a representação de qualidade pode ajudar a movimentar a sociedade racista onde vivemos.

A construção da identidade da pessoa negra dura por uma vida toda, para mim não seria diferente. Durante o desenvolvimento deste TCC curei minha criança interior, podendo também vivenciar o sentimento de calma, ao pensar que as crianças negras de hoje em dia com o tipo de literatura correta podem se ver em sala de aula e nos demais espaços da sociedade, aspecto que não tive em minha infância mesmo com todo esforço da minha família negra especialmente da minha mãe.

Faz-se necessário que dentro das escolas, para além de livros em quantidade, que esses tenham uma boa curadoria na seleção e distribuição de livros que realmente façam sentido e possam ser incorporados em sala de aula, passando também a não ser apenas enfeites nos cantos das salas ou bibliotecas. Outro aspecto relevante pode ser uma boa educação continuada, vivemos em uma sociedade onde o racismo estrutural é exorbitante, com isso muitos professores podem não garantir uma educação antirracista adequada.

Sendo assim, conclui-se que a presença de livros sem a devida educação antirracista pode ter um impacto negativo sobre todas as crianças, especialmente quando os livros têm poucos textos e são apenas coloridos sem apresentar um conteúdo profundo sobre a valorização da identidade, história e cultura negra. Livros que ajudam na educação antirracista devem incluir diversos elementos da cultura negra para reforçar a identidade da criança negra na tentativa de torna-la um indivíduo visível em todas as esferas da sociedade, a literatura é um pequeno grande passo que seguirá também movimentando esferas de poder para que cada vez mais pessoas negras se tornem protagonistas das suas próprias histórias e que possam produzir histórias, se tornando representatividade para as próximas gerações. Só assim, a

literatura seguirá evoluindo para que assim possa expressar seu potencial transformador, possibilitando assim uma construção de narrativas positivas acerca da infância preta.

REFERÊNCIAS

ARRAES, J. **Não me chame de mulata**. Portal Geledés: Instituto da Mulher Negra. 20 de jan. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-chame-de-mulata/>. Acesso em 20 de set. de 2024.

BRASIL, Assessoria Especial de Comunicação Social do MEC, com informações da Secretaria-Executiva (SE) e da Secadi. **MEC divulga pesquisa sobre desigualdade racial na educação** [Brasília] ministério da Educação. 10 de jun. de 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/junho/mec-divulga-pesquisa-sobre-d-esigualdade-racial-na-educacao>. Acesso em: 10 de ago. de 2024

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Diário Oficial da União, Brasília, 21 jul. 2010. Disponíveis em: » http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm. Acesso em: 20 de nov. 2023.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Diário Oficial da União , Brasília , 10 jan. 2003. Disponível em: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm . Acesso em: 20 de nov. 2023.

CANDAU, Vera Maria. **Magistério: Construção Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação**. São Paulo: Paulus, 2002.

COSTA, N. L. **A implementação da Lei de Cotas Raciais nos concursos públicos federais: Análises dos processos de execução da ação afirmativa**. In: DIAS, G. R. M.; TAVARES JUNIOR, P. R. F. (orgs.). Heteroidentificação e cotas raciais: dúvidas, metodologias e procedimentos Canoas: IFRS, 2018.

CURY, C. R. J. (2000). **A educação como desafio na ordem jurídica**. In E. M. T. Lopes, L. M. de F. Filho, & C. G. Veiga (Eds.), 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

_____. **Negroesia**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

DEBUS, E.S.D. **A literatura infantil contemporânea e a temática étnico-racial: mapeando a produção**. Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil - Seminário de Literatura Infantil e Juvenil, 2007.

EMICIDA. **Amoras**. São Paulo : Companhia das letrinhas, 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades por cor e raça no Brasil**. Brasília, nº 48, 2ª edição. DF: IBGE, 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características étnico-raciais da população: classificações e identidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html#:~:text=O%20IBGE%20pesquisa%20a%20cor,10%2C6%25%20como%20pretos>. Acesso em: 23 de nov. 2023

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do laço de fita**. Rio de Janeiro: Ática, 1986.

MUNANGA, K. **Superando o racismo na Escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Lélia Gonzalez. **O Papel da Educação na Formação de Identidades Negras: Desafios e Possibilidades**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2017

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no black power de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

OLIVEIRA, Kiusam. **Corporeidade, Beleza e Diversidade**. São Paulo, 27 de outubro de 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/12552725-Corporeidade-beleza-ediversidade-profa-dra-kiusam-regina-de-oliveira-sao-paulo-27-de-outubro-de2014.html>. Acesso em: 19 jul. 2024.

PINTO, Ziraldo Alves. **O menino marrom**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, N. S. 2021. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar. 171p.

SOUZA, Taise C. S. Pinheiro de. **Literatura negra e diferença cultural**. Revista Trama, Marechal Cândido Rondon, v. 12, n. 25, 2016, p. 133-156. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/13757/9657>. Acesso em: 08 ago. 2024.